



CRÍTICA

MODERNIDADES FOTOGRÁFICAS NO INSTITUTO MOREIRA SALLES - RJ

Priscila Medeiros de Oliveira

No primeiro capítulo de *Jamais Fomos Modernos*, Bruno Latour narra diversos acontecimentos que podemos visualizar nas páginas de um jornal, na TV, no rádio ou nas redes sociais de hoje. As notícias ora sobre avanços extraordinários no campo das ciências e das tecnologias, ora sobre as grandes catástrofes ao redor do globo acontecem de forma quase simultânea como causa e efeito. Sobrepondo informações o autor narra o contraste entre as descobertas tecnológicas em contraponto com as culturas que não aceitam esses avanços. É diante desse cenário que Latour coloca em jogo e questiona o conceito de modernidade.

Com curadoria de Ludger Derenthal e Samuel Titan Jr. *Modernidades fotográficas* nos mostra esta contradição. Um Brasil que busca o moderno, mas que mesmo em sua arquitetura modernista de referência não abre mão do monumental pelo funcional, do status pelo social, do poder pelo progresso coletivo, constituindo um moderno que contradiz o próprio conceito de modernidade. São contradições e contrastes entre paisagens, povos dentro de um todo nunca homogêneo, repleto de *ideias fora do lugar*.

A começar pela multiplicidade dos próprios autores. O brasileiro José Medeiros que traça um diálogo entre o humano, a paisagem e a diversidade. E os nascidos em diferentes lugares da Europa. Marcel Gautherot cria uma poética através dos esqueletos das estruturas na construção de Brasília. Thomas Farkas influenciado pelas vanguardas do início do século XX e Hans Gunther Flieg com um trabalho que explora a imensidão dos espaços in-

dustriais em contraponto com a figura humana. Nacionalidades e culturas distintas nos olhares e subjetividades que aparecem nas escolhas temáticas e estéticas.

São nessas formas narrativas através das imagens que mostra um Brasil que deseja o moderno e a inovação, mas ao mesmo tempo possui raízes e realidades dentro da tradição e com uma complexa cosmogonia.

A exposição nos transporta a um tempo passado muito questionado atualmente em momento de incertezas econômicas e tensões. Dos 50 anos em 5 de JK ao progresso industrial de São Paulo, passando pela tradição indígena e do candomblé a um jogo de peteca em uma praia do carioca. Momentos que precedem o golpe de 1964 e que mostram cenas bucólicas mesmo tendo, muitas vezes, como contexto as grandes capitais em transformação.

Mais que narrativas urbanas ou a busca da ideia de brasilidade, sempre em questão, em *Modernidades fotográficas* vemos o olhar de fora e o olhar de dentro, agenciamentos, e a imposição de um modelo de progresso internacional que levam a certeza de que nunca foi fácil se voltar para a nossa própria constituição e complexidade.

Eleita umas das cinco melhores exposições do mundo para serem visitadas *Modernidades Fotográficas* permanece no *Instituto Moreira Salles* até 26 de fevereiro de 2017.